
Problemas fundamentais da Fenomenologia em Martin Heidegger

Fundamental Problems of Phenomenology in Martin Heidegger

DOI: 10.12957/ek.2022.70410

Manuela Santos Saadeh¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

manu_saadeh25@yahoo.com.br

RESUMO

Para Heidegger, é preciso desenvolver um conceito de fenomenologia a partir da questão do Ser para que se manifeste a estrutura articulada das questões fundamentais que constituem uma problemática. Toda investigação tem seu tema, desde o qual encontramos sua sistemática interna. O tema da fenomenologia heideggeriana é o sentido do Ser enquanto Ser e enquanto tempo, e a problemática são todas as questões que concernem ou não historicamente a este tema. A meta da investigação fenomenológica de Heidegger é, portanto, a de esclarecer tais problemas a partir do seu fundamento histórico, pois para o filósofo, somente desenvolvendo a aparelho conceitual a partir da sua fundamentação histórica, podemos trazer a questão do Ser propriamente à exposição. Entretanto, não se trata de fazer um apanhado ontológico-historiográfico (algo próprio à corrente moderna da filosofia), mas sim de pensar os motivos desde os quais o Ser foi implicitamente concebido não enquanto Ser, mas enquanto a “entidade do ente”, a *presentidade constante* (frente ao não constante), e isto em toda a História da Filosofia enquanto História da Metafísica.

Palavras-chave: Fenomenologia. Metafísica. Ser. História.

¹ Pós-doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Filosofia pela UFRJ, com foco na filosofia de Martin Heidegger. Pós-graduada em Filosofia Antiga pela PUC-RJ. Graduação em Filosofia pela UNISUL.

ABSTRACT

For Heidegger, it is necessary to develop a concept of phenomenology out of the question of Being so that the articulated structure of the fundamental questions that constitute a problematic can be manifested. Every investigation has its theme, from which we find its internal system. The theme of Heidegger's phenomenology is the sense of Being as Being and as time, and the problem is all the questions concerning historically or not this theme. The goal of Heidegger's phenomenological investigation is, therefore, to clarify such problems from their historical foundation; for the philosopher, only by developing the conceptual apparatus from its historical foundation can we bring the question of Being itself to the exposition. However, it is not a matter of making an ontological-historiographical overview (something characteristic of the modern current of philosophy), but of thinking about the reasons from which Being was implicitly conceived not as Being, but as the “entity of beings”, the *constant presentness* (in the face of the non-constant), and this throughout the History of Philosophy as History of Metaphysics.

Keywords: Phenomenology. Metaphysics. Being. History.

Neste breve artigo, tentaremos especificar como o método investigativo da fenomenologia heideggeriana procede acerca do pensamento ontológico historicamente enviado até a contemporaneidade. Para aspirar a ser um texto propriamente heideggeriano-fenomenológico e não apenas “de fenomenologia”, o que se pretende aqui não é simplesmente identificar o que esta filosofia de Heidegger tem em questão, mas tentar exercitar o pensamento na contemplação crítico-fenomenológica. Em toda sua obra, o filósofo ensina a como proceder concretamente uma investigação fenomenológica através do seu questionamento sobre os desdobramentos da questão do Ser² na tradição. Como então Heidegger está ensinando a tratar dos próprios problemas fundamentais, ou

² O vocábulo “ser” terá sempre inicial maiúscula quando concernir à forma ontológico-existencial da estrutura, e minúscula quando concernir tanto às ocorrências ônticas do verbo ser quanto à ocorrência da estrutura *Dasein* no seu desdobramento fático. Isto deve servir para indicar e marcar sempre mais acuradamente a *diferença ontológica*, o que Heidegger continuamente tenta fazer ver em toda sua obra.

seja, como chegamos aos problemas fundamentais da fenomenologia que nos são apresentados?

A tarefa da fenomenologia consiste em criar um âmbito que a filosofia sistemática tradicional já sempre esteve ignorando; ao mesmo tempo há de realizar uma destruição das objetivações que até esse momento haviam retirado a vida da vida. O ponto de partida, conclui Heidegger, há de ser radicalmente novo. (SEGURA, 2002, p. 21)

São as questões de ordem do Ser que se põem como a introdução aos problemas fundamentais. Acessamos um problema fundamental através do ente ou do que está dado, a partir dos problemas factícios, mas os problemas fundamentais são a estrutura de possibilidade daqueles, a qual só pode ser discutida a partir da investigação dos problemas que vão se aprofundando até que se possa discutir a estrutura de possibilidade ela mesma.

Esqueceu-se completamente o que Aristóteles diz em suas importantes investigações sobre a *Metafísica*: “Aquilo que foi buscado desde sempre e agora e futuramente e aquilo junto ao que a questão sempre fracassa uma vez mais é o problema ‘o que é o Ser?’” Se a filosofia é a ciência do Ser, então a questão inicial, final e fundamental da filosofia deve ser: O que significa Ser? A partir de onde podemos efetivamente compreender algo assim como Ser? Como é que a compreensão de ser é efetivamente possível? (HEIDEGGER, 2012, p. 27).

Deste modo o processo da investigação fenomenológica para Heidegger é: delimitar os problemas ontológicos fundamentais a partir de um desvio pelos problemas particulares fáticos, sendo necessário compreender qual é a via de acesso aos problemas particulares efetivos.

Não diretamente, mas por meio de um desvio por uma discussão de determinados problemas particulares. Desses problemas particulares extrairemos os problemas fundamentais e determinaremos sua conexão sistemática. A partir da compreensão dos problemas fundamentais deve vir à tona até que ponto, por meio desses problemas, a filosofia enquanto ciência se torna imprescindível. (HEIDEGGER, 2012, p. 8).

A fenomenologia se comprova como tal ao mostrar que problemas factícios têm essencialmente um caráter fenomenológico. Para Heidegger, a fenomenologia é o método próprio da ontologia. E método é orientação condutora. Contudo, para o filósofo, este método sempre foi pensado como um preparo para as disciplinas concebidas enquanto disciplinas estanques e subsistentes dentro da própria Filosofia, que posteriormente interagem entre si. Mas desde a antiguidade este filosofar inquiridor do fundamento nele

mesmo – que, neste sentido, pode se comparar ao método fenomenológico de investigação – constitui o esforço radical de conduzir a tarefa do filosofar, o que significa dizer que a matéria da Filosofia é um todo e, segundo esta concepção, não há partes estanques ou subsistentes de seu saber.

Mesmo no interior da fenomenologia, essa foi compreendida até aqui como uma propedêutica científica à filosofia, que prepara o solo para as disciplinas filosóficas propriamente ditas: a lógica, a ética, a estética e a filosofia da religião. Nessa definição da fenomenologia como uma propedêutica, porém, assume-se o repertório tradicional das disciplinas filosóficas, sem que se pergunte se esse repertório mesmo não seria colocado em questão e abalado precisamente por meio da própria fenomenologia; sem que se pergunte se não se encontra na fenomenologia a possibilidade de reverter a alienação da filosofia nessas disciplinas, revitalizando e apropriando novamente, em suas tendências fundamentais, da grande tradição filosófica com suas respostas essenciais. Nós afirmamos: a fenomenologia não é uma ciência filosófica entre outras, nem tampouco uma propedêutica para as outras ciências. Ao contrário, a expressão "fenomenologia" é a denominação do método da filosofia científica em geral. (HEIDEGGER, 2012, p. 9s).

Quando a Filosofia assume a fenomenologia como propedêutica de disciplinas subsistentes, ela precisamente tira o lugar do fenômeno como princípio absoluto da ontologia, uma vez que o ente enquanto fenômeno necessariamente angariaria o esforço do pensamento de questionar a estrutura histórica de problematização do sentido do Ser e não uma teorização estanque dos problemas a partir de sujeitos humanos. Pensamos um método como um estabelecimento de fixação e de comportamento; mas método é eleger um caminhar e com isso encontrar os acessos próprios aos caminhos que foram eleitos. Fenomenologia não é meramente apresentar dogmaticamente as questões dessa ou daquela forma, mas delimitar como um discurso sobre “o que é” se fundamenta, quais suas possibilidades e seus motivos históricos e contextuais de fundamentação. Em Heidegger, “a fenomenologia funciona liberando os elementos de uma situação, da turva mistura na qual eles [os elementos] foram para sempre obscurecidos” (HARMAN, 2002, p. 131).

Mas para Heidegger, toda tendência contemporânea na fenomenologia resume-se a assumir a pesquisa do procedimento factício a partir da tendência epistemológica; o que impede o pensamento de colocar a própria fenomenologia enquanto tal sob o microscópio. Ou seja, a fenomenologia assume essa ou aquela tendência sem se colocar a si própria sob questão. Para o filósofo, primeiro há de se instaurar uma discussão sobre o que seria a diferença entre fenomenologia e filosofia científica em geral para que haja a

possibilidade de conduzir a reflexão à possibilidade do conceito próprio da fenomenologia. Se a questão do Ser é o problema *sine qua non* da fenomenologia para Heidegger, é preciso, portanto, entender o que seria ontologia, se esta forma do conhecer é ou não científico, para que desta problematização se extraia um conceito próprio de método ontológico³.

Com esta discussão da Filosofia propriamente enquanto ontologia, Heidegger, na obra *Ser e Tempo* (2006), introduz a analítica do fenômeno *Dasein* como o critério para chegar à discussão da questão acerca do sentido do Ser. Sua primeira tarefa é mostrar que a ontologia começa factíciamente e com isso caracterizar a fundação da mesma no próprio *Dasein*. Este deve ser investigado fenomenologicamente, uma vez que este método, como dissemos, tem como tema e meta a questão do Ser enquanto Ser, o que quer dizer que o Ser deve ser apreendido pela sua prioridade e, conseqüentemente, pela sua distinção concreta por respeito ao ente. Deste modo a investigação parte do ente *Dasein* pela condição que tem de investigação de como ele é dado imediatamente, encaminha para o Ser e retorna ao ente agora por respeito ao seu Ser próprio.

Dissemos que para Heidegger a fenomenologia é propriamente o método da ontologia; isto quer dizer que há uma redução fenomenológica no sentido de que a recondução do olhar se manifesta de determinada apreensão do ente diretamente para a compreensão do Ser desse ente, isto é, a compreensão se manifesta aqui por respeito aos modos do *desocultamento* ou desencobrimentos (históricos) deste Ser. “O sentido que esta abordagem histórica para a questão do Ser revela, como sabemos desde *Sein und Zeit*, se torna o tempo” (BROGAN, 2005, p. 7). O caminho percorrido pelo filósofo na tentativa de desobstruir o pensamento acerca dos pressupostos ontológicos enviados ao longo da tradição é temporal por ser histórico, é o método de sustentar a questão enquanto questão na sua profundidade característica, longe do raso das respostas rápidas. Mas o

³ Inicialmente a Filosofia foi destacada das Ciências – mas aqui, como muito se pensa, não há um favorecimento da Filosofia e sim uma degradação: na Antiguidade a Filosofia era toda a ciência e não somente o fundamento delas. Posteriormente à Modernidade, a Filosofia fica sempre só como um instrumento crítico para as Ciências, e não como aquilo para o qual toda ciência teria que retornar, se enraizar e estar aderida. Assim as Ciências não teriam o comportamento autônomo ao qual a Filosofia teria somente o poder de detectar criticamente. O que parece ser uma gradação da Filosofia em Ciência é, para Heidegger, na verdade, uma degradação.

pensamento não poderia desviar o olhar do ente para o Ser se já não tivesse a questão do Ser pré-ontologicamente como diretiva, isto é, só posso proceder à redução fenomenológica já sempre sob uma perspectiva diretiva. Como isso se dá? Primeiramente há de se encontrar a perspectiva-prévia [*Vorsicht*] sempre de caráter histórico e circunscrito (a um Mundo de sentido), para poder proceder à recondução, ao desvio do olhar do ente, de modo que tem de haver uma perspectiva de como o Ser vem historicamente sendo pensado. Nestes termos, o conceito de *destruição fenomenológica* é, para Heidegger, o momento propriamente crítico da conceitualidade historicamente legada no qual o pensamento encontra o ente sob determinada compreensão do Ser implicitamente estabelecida; e essa específica determinação mostra o sentido legado, de modo então que é precisamente aí que a fenomenologia tem de colocar em crítica o discernimento contextual de tal e tal perspectiva.

Heidegger quer prestar à História da Filosofia isso que deriva da destruição, entendida como fruto de uma apropriação originária. Uma destruição que, em sua opinião, lhe permitirá encontrar o modo de acesso ao objeto da Filosofia e descobrir as interpretações que ao longo da História velaram a facticidade do *Dasein*. (SEGURA, 2002, p. 48).

Para Heidegger, desde Aristóteles, a ontologia se move dentro de uma compreensão mediana do Ser. Há de se fazer então uma desconstrução crítica dos conceitos tradicionais “encobridores” da questão do Ser, deve-se partir deles propriamente intencionando ir à fonte enquanto o contexto questionador desde o qual esses conceitos foram erguidos. E isto se faz através da “destruição” do legado, ou seja, por meio da desconstrução dos preconceitos, dos pressupostos e dos elementos estrangeiros ao problema do Ser enquanto Ser que se fixaram na tradição: os elementos formais-ônticos que foram mantidos pela tradição para o questionamento do Ser. Esse processo fenomenológico-filosófico do pensamento tem que se manifestar, consequentemente, desde uma retomada histórico-investigativa da tradição, uma vez que só posso compreender a própria tradição, se entendo as bases sobre as quais ela se funda, entendendo quais são as estruturas prévias e implícitas, isto é, os pressupostos que orientam o compreender dela. Para Heidegger, fenomenologia é justamente o método de investigação das bases sobre as quais, por exemplo, a compreensão de Platão se abriu e sob que legados tal compreensão ocorreu, mas também e não menos essencial: a fenomenologia tem o intuito de fazer compreender sob que legado e sob quais

pressupostos históricos a minha própria compreensão sobre Platão se abre. Somente compreendendo a fenomenologia histórica das pressuposições filosóficas, podemos avaliar o grau de abertura destas duas compreensões. Se a fenomenologia for uma investigação crítica dos pressupostos ontológicos, ela investiga a própria história do pensamento no sentido de como ele vem se manifestando, uma vez que o ente não é nenhum ente delimitado em uma região estabelecida, mas ente para o pensamento.

O fenômeno, para Heidegger, é a compreensão do Ser de toda e qualquer ocorrência, é o estudo do Ser enquanto Ser não mais limitado somente ao estudo do Ser do ente (Metafísica). Por isso é um conceito de método de investigação, pois é problematização das condições de possibilidade do que quer que seja. Heidegger percebeu que o acesso às estruturas do existir (*Dasein*) está encoberto pela Tradição que sempre pensou este ente que nós mesmos somos como um ente subsistente. O método por excelência para quebrar esta “argamassa” tradicional sobre a questão do sentido do Ser é, para o filósofo, aquele que se determina através da interpelação das coisas elas mesmas, inspirado pela exigência do que se mostra em si mesmo e a partir de si mesmo, e o que se mostra em si mesmo é o ente nas suas historicidade e *mundaneidade*⁴ próprias. O fenômeno é, por conseguinte, aquele a ser investigado em suas condições de possibilidade (históricas e circunscritas a Mundo) de aparecimento enquanto tal, o que é anterior a toda representação subsistente e não é, portanto, a mera constatação ou verificação científica do que aparece.

Sendo assim, a investigação heideggeriana enquanto a *destruição fenomenológica* das respostas metafísicas (das ontologias) dadas à questão posta inicialmente pela filosofia grega, qual seja, a questão do Ser enquanto Ser, corresponde primeiramente a pensar os motivos pelos quais o conceito do Ser surgiu no pensamento grego enquanto a entidade do ente ou a *presentidade constante*: a οὐσία [*ousía*]. Para Heidegger, “a compreensão grega do Ser está estritamente vinculada à ideia de presença constante (que havia impedido a tematização explícita da inteira extensão temporal do Ser)” (VOLPI, 2012, p. 181). A investigação heideggeriana pensa como este pressuposto [a presença constante] percorre o pensamento ontológico medieval – que pensa o Ser enquanto a *substantia, essentia* – chegando à filosofia kantiana, ao Idealismo Alemão e a Nietzsche

⁴ “Ente intramundano” quer dizer que todo ente só aparece enquanto tal (significado) interior a um Mundo de sentido sempre já de caráter histórico e circunscrito.

(quando o Ser é a consciência, o Sujeito Moderno), e isto com intuito de compreender como o Ser é problematizado na história ocidental enquanto entidade do ente, desde a herança implícita do pensamento grego.

A filosofia que revela o tempo como o horizonte da compreensão será “crítica” na medida em que simultaneamente revela as condições de sua própria possibilidade como modo de compreensão. Aqui a importância da fenomenologia para Heidegger torna-se aparente, pois a fenomenologia forneceu uma maneira de levantar a antiga questão metafísica do Ser sem ignorar as reivindicações da filosofia crítica ou transcendental. (CROWELL, 2001, p. 205).

Com a fenomenologia da facticidade e da história das múltiplas significações (fundamentais) do Ser, o pensamento heideggeriano descobre a questão do Ser enquanto tempo, propriamente a historicidade da compreensão como o horizonte de possibilitação da existência como um todo. Desde o início do seu pensamento, Heidegger desdobra seus questionamentos a partir do problema do sentido do Ser que, segundo o próprio, reinou inquestionado durante o curso de mais de dois mil anos de pensamento filosófico. “Heidegger entende que na história do pensamento ocidental falta completamente uma autêntica interpretação fundada em sua raiz no problema filosófico fundamental da facticidade” (SEGURA, 2002, p. 51). Em uma carta de 1962, o filósofo diz:

Com a percepção da ἀλήθεια enquanto não-ocultamento, veio o reconhecimento do rasgo fundamental da οὐσία, do Ser do ente: a presença. Mas a tradução literal, isto é, a que é pensada a partir do tema, só é expressa se o conteúdo temático da coisa [*Sachgehalt der Sache*], neste caso a presença enquanto tal, é posta diante do pensar. A pergunta inquietante, sempre desperta, pelo Ser enquanto presença (o presente) [*Gegenwart*], se desdobra na pergunta pelo Ser nos termos do seu caráter temporal. Tão logo isso ocorreu, se tornou claro que o conceito tradicional de tempo não é de modo algum suficiente, mesmo para propriamente levantar a questão concernente ao caráter temporal da presença e, portanto, muito menos para dar-lhe uma resposta. O tempo se tornou tão problemático quanto o Ser. A temporalidade [*Zeitlichkeit*] caracterizada em *Ser e Tempo* como extática e horizontal, ainda não é de modo algum o mais próprio atributo do tempo que deve ser procurado em resposta à questão do Ser (HEIDEGGER, 2003, p. xii).

Heidegger quer – com sua explanação fenomenológica da História da Filosofia desde os seus primórdios – pensar o fundamento; quer pensar como o pensamento vem pensando historicamente o Ser enquanto fundamento do ente. O filósofo conclui que este fundamento, o Ser, se manifesta a partir da perspectiva implícita da subsistência

[*Vorhandenheit*]; o que conduziria, enquanto pressuposto implícito, os problemas filosófico-históricos da *idéa*, da *οὐσία*, da *essentia*, do sujeito. Tal tentativa de compreender o sentido do Ser leva Heidegger a uma desconstrução do pensamento ocidental precisamente como decorrência de um questionamento radical (e inédito) sobre seus fundamentos. O filósofo quer fenomenologicamente fundar esta perspectiva implícita da subsistência (presença constante) para o sentido do Ser na temporalidade, isto é, na estrutura temporal da compreensão do Ser – estrutura esta minuciosamente trabalhada na analítica existencial da primeira parte da obra *Ser e Tempo* para, na segunda parte da obra, culminar na problemática da temporalidade. A questão do Ser metafísica, Heidegger, principalmente em *Ser e Tempo* e no *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*, problematiza para fazer ver por que e a partir de onde o Ser vem sendo historicamente pensado e destinado enquanto subsistência (infinitude, universalidade, absoluto; portanto, a-historicidade) implicitamente na história da filosofia.

Sendo assim, a questão acerca da significação do Ser enquanto Ser se manifesta para esta filosofia por respeito às condições de possibilidade de emergência dos conceitos mais fundamentais e dos pressupostos mais implícitos que estruturam a Filosofia ontológica e historicamente. E a compreensão da situação hermenêutica destes pressupostos, muitas vezes tornados inquestionáveis, pois pensados como evidentes, é a possibilidade de trazer “o que vem sendo” de sentido, isto é, o passado, propriamente ao discurso: é a possibilidade de trazer o transcurso do pensamento ao discurso do que foi pensado e também do que não foi pensado ou tornado “óbvio”. Nestes termos, para a fenomenologia heideggeriana, a discussão filosófica existe como um retorno ao fundamento das pressuposições justamente naquilo que falta aos fundamentos subsistentes dados metafisicamente para o sentido do “é”. Se o Ser, como é demonstrado a partir de *Ser e Tempo*, é precisamente a não-subsistência, isto quer dizer que sempre faltou e sempre irá faltar “algo” a um fundamento dado e demonstrado. Este *não-decidido* estrutural, verificado por Heidegger nas pressuposições filosófico-históricas sobre o sentido do Ser, é sempre o que possibilita e o que pede novas decisões. A confrontação fenomenológica com um pensamento histórico é, nesse sentido, a transferência do pensar para a posição essencial em que o pensador se encontra, é sempre compreender os motivos e o limite do pensamento, no sentido da sua *indecibilidade* estrutural. Por isso, todas as pressuposições filosóficas têm um afundamento característico, porque há sempre algo

deixado (legado) para ser (re)fundado. Até o mesmo pensamento pode negar o que já tinha de saber, isto é, pode contrapor-se ao que já estava estabelecido pelo seu próprio sistema. Trazer o não-*decidível* à luz enquanto *não-decidível* no interior de uma demonstração, não significa dizer que não há possibilidade de decisões; significa dizer que no pensamento há uma necessária *indecibilidade* enquanto o âmbito no interior do qual as decisões históricas têm a possibilidade de emergir enquanto decisões a serem também (a)fundadas, como ensaio, erro, acerto; o que quer dizer que não há espaço para fundamentos absolutos, universais e últimos. Para Heidegger a função da Filosofia é, portanto, a de (a)fundar o questionável em caráter sempre temporário no sentido de um ensaio, é fundar sabendo que está fundando sobre o já sempre afundado. “O filosofar é contrarruinantemente existenciário, isto é, leva à apropriação a pressuposição de modo cada vez mais radical” (HEIDEGGER, 2011, p. 181). O filosofar fenomenológico apropria a facticidade em seu Ser. Aqui, não há lugar para subjetivismo ou relativismo. É o lugar do transitório fundamental da verdade, precisamente por conta do caráter histórico (temporal) do próprio pensamento, isto é, do caráter finito (não subsistente) estrutural tanto do Ser ele mesmo quanto da compreensão do Ser [*Dasein*]. O fim do primeiro princípio do pensamento ocidental (Aristóteles) consoma, na verdade, os amplos e ricos pressupostos; pressupostos que enquanto amplos e ricos foram enviados ocultos no seu fundamento.

Na fenomenologia heideggeriana, há então estes dois problemas: a história da filosofia com este contexto problemático para a interpretação dos pressupostos implícitos e o estudo da ontologia enquanto o estudo da estrutura da facticidade, da lida.

Dado que o problema fundamental é a experiência fática da vida e esta é histórica, então o primeiro que se deve determinar pré-fenomenologicamente, histórico-objetivamente como situação histórica, é a conexão fenomenal, no entanto sempre já a partir de motivos fenomenológicos; deve-se obter a realização da situação histórica do fenômeno (HEIDEGGER, 2010, p. 75).

Ou seja, deve-se obter a interpretação concreta estrutural da facticidade que conduz inevitavelmente à interpretação histórica, pois o pensamento só pode contemplar a fenomenologia da facticidade recebendo o que ele tem de investigação historicamente produzida. Para contemplar as investigações produzidas, o pensamento fenomenológico tem que contemplar com a mira na facticidade, questionando o que as investigações históricas tratam ou o que desprezam quanto à estrutura da facticidade da lida. Para

explicar melhor esta perspectiva fenomenológica, servimo-nos de um exemplo: uma caneta para escrever. Na perspectiva da fenomenologia heideggeriana, a pergunta se faz nos termos de investigar o que seja o próprio escrever (a lida histórica específica) em que um ente surge, aparece e se abre significado enquanto utensílio próprio para isto ou aquilo. Dentro da perspectiva da epistemologia ou da subsistência, o escrever não é a questão: a questão é a caneta subsistente à mão para escrever em seu Ser, sua *objetualidade* por respeito à consciência (Sujeito) subsistente por si, e portanto a questão é a de como pensar esta relação.

Para Heidegger, “a fenomenologia é a forma do acesso e da determinação legitimadora daquilo que deve tornar-se o tema da ontologia. *A ontologia só é possível enquanto fenomenologia*” (HEIDEGGER, 2006, p. 35s). Isto porque, novamente, o trabalho da fenomenologia é histórico e tanto o é por respeito ao esclarecimento de como cada conceito fundamental é configurado dentro de uma discussão filosófica, quanto por respeito ao solo em que cada configuração aparece.

A tarefa da fenomenologia consiste em criar um âmbito que a filosofia sistemática tradicional já sempre esteve ignorando; ao mesmo tempo há de realizar uma destruição das objetivações que até esse momento haviam retirado a vida da vida. O ponto de partida, conclui Heidegger, há de ser radicalmente novo. (SEGURA, 2002, p. 21)

Deste modo, além de estar concebendo a abordagem epistemológica, este método observa qual a configuração que as questões ganham no curso da história e porque ganham tal e tal configuração. A orientação do pensamento ontológico-epistemológico tradicional se consolida como o saber correspondente à verdade do Ser do ente – mas este conhecimento, sobre o que seja o Ser enquanto o ente na totalidade se amalgama, ainda que inquestionavelmente, ao saber pré-ontológico do âmbito da emergência ela mesma: a clareira do Ser histórica de sentido. “Na Filosofia, contudo, permanece impensada a clareira como tal que impera no Ser, na presença, ainda que em seu começo se fale de clareira”. (HEIDEGGER, 1996, p. 104). É compreensível, portanto, que a Metafísica, enquanto abertura histórica de sentido no Mundo ocidental (a clareira), abarque em seu saber as decisões históricas sobre o conhecimento e a verdade do ente e, uma vez detentora de tais decisões, suporte nela mesma a situação problemática em que, para Heidegger, se encontra há mais de dois milênios o conhecimento sobre o Ser e o ente na totalidade. “O passo de volta da metafísica para dentro de sua essência exige uma duração

e perseverança cuja medida nós não conhecemos. Somente uma coisa está bem clara: o passo carece de uma preparação” (HEIDEGGER, 2009, p. 190).

Segundo a fenomenologia de Heidegger, o histórico da história do Ser não se determina a partir de um suposto ocorrer subsistente do ente sem vínculo, espontaneamente ou sem linhagem; mas, de acordo com a estrutura temporal da compreensão, o ente se determina na tradição, mesmo que ela não pense isso, a partir deste destino mantido para o sentido do Ser. “Os entes são apreendidos no seu Ser enquanto ‘presença’; isto significa que eles são compreendidos por respeito a um modo determinado do tempo.” (SADLER, 1996, p. 43). O Ser que se destina historicamente enquanto presença e destina a compreensão do ente de tal e tal modo, se além à própria manifestação da doação ela mesma. Nestes termos “época” significa: retenção da compreensão humana de um povo [ocidental] em um sentido do Ser. Daí o discurso que fala de “épocas do destino do Ser”. Para o filósofo, o fundamento pressuposto atravessa inquestionado os pensamentos grego, medieval e moderno e assim vincula as épocas, e isto quer dizer que o Ser é implicitamente o mesmo fundamento subsistente enquanto a entidade [presença constante] em todas as épocas do pensamento metafísico (*ιδέα, οὐσία; essentia–substantia*; Sujeito, consciência absoluta, vontade) a despeito destas suas formas fáticas históricas de manifestação. “Apenas aquilo que é trazido à permanência num representar fundamentado pode valer como ente” (HEIDEGGER, 1999, p. 48). Com isso, a questão de como vem se dando a *presentidade* do Ser ela mesma foi perdendo a força de questão em nome das configurações subsistentes de fundamentação que sempre já pensam o Ser enquanto entidade permanente e subsistente do ente. Cabe à Filosofia de agora em diante, apesar das estagnações, a tarefa de tentar pensar o Ser para além de sua implícita concepção metafísica enquanto entidade ou infinitude da subsistência, pensando-o propriamente enquanto a não-subsistência e, portanto, enquanto finito.

E hoje? O tempo da filosofia fenomenológica parece ter terminado. Temo-la como algo já passado, referido de uma forma apenas histórica, ao lado de outras tendências da Filosofia. Porém, a Fenomenologia, naquilo que lhe é mais próprio, não é de toda uma tendência. Ela é a possibilidade do pensar, que, indo-se transformando com os tempos, e só por isso, permanece como tal, para corresponder à exigência daquilo que há que pensar-se. Se assim fosse tomada e conservada, então bem pode desaparecer enquanto título, em favor da “coisa do pensar” [*Sache des Denkens*], cujo estar-revelado continua a ser um mistério. Acompanhando o sentido da última frase, lê-se em *Sein und Zeit* (1927), p. 38: “Aquilo que lhe [à Fenomenologia] é essencial, não está em ser efectivamente real como ‘corrente’ filosófica. Acima da realidade está a

possibilidade. A compreensão da Fenomenologia reside unicamente na sua captação como possibilidade” (HEIDEGGER, 2009a, p. 15).

Concluindo este breve esclarecimento, podemos pensar o problema fundamental da Fenomenologia em Heidegger como a tentativa de capacitar o pensamento para a questão de saber não mais sobre uma verdade ou forma universal última (entidade) para o Todo do ente, mas de saber como o Ser ele mesmo – fenomenologicamente desencoberto enquanto a não-subsistência, a finitude, o Nada: pois a pura doação de possibilidade (ente) –, é historicamente encoberto por este pressuposto metafísico nomeado “*presentidade constante*”, subsistência [*Vorhandenheit*] ou entidade do ente. Este sentido para o Ser é e só poderia ser o próprio fundamento possível do conhecimento enquanto Metafísica. Aqui o Ser tem a forma permanentemente constante frente ao que perece e neste sentido teria que ser, portanto, uma verdade formal universal e absoluta a ser constantemente buscada e descoberta pela História da Filosofia. Segundo a filosofia de Heidegger, este pressuposto implícito para o sentido do Ser em todas as ontologias ao longo de 2500 anos só foi propriamente posto em questão quando o pensamento se questionou sobre o sentido do Ser enquanto tempo e não mais sobre o sentido do Ser (atemporal) do ente; o questionar aí desencobriu a questão da temporalidade como horizonte próprio da investigação, uma vez que na pormenorização do Ser do *Dasein* em *Ser e Tempo* a temporalidade se revela como a estrutura que possibilita a compreensão humana, o que leva à intuição de que o Ser ou a verdade não poderia ser um ente formal absoluto e constantemente presente (a-histórico, atemporal) enquanto um tal. Ao contrário, enquanto não-subsistência, o Ser surge na fenomenologia heideggeriana como finito pois histórico e circunscrito a um Mundo, se revelando fundamentalmente em seu Nada de entidade desde sua finitude e conseqüente liberdade. Isto de acordo com a fenomenologia dos conceitos legados pela tradição, junto à investigação da estrutura temporal da compreensão do Ser [*Dasein*] lograda na obra *Ser e Tempo*.

Referências bibliográficas

- BROGAN, Walter A. *Heidegger and Aristotle*. New York: State University of New York Press, 2005.
- CROWELL, S. G. Husserl, *Heidegger and Space of Meaning: Paths Toward Transcendental Phenomenology*. Illinois, USA: Northwestern University Press, 2001.
- HARMAN, G. *Tool-Being: Heidegger and the Metaphysics of Objects*. Illinois-USA: Open Court Publishing Company, 2002.
- HEIDEGGER, M. *Carta a Richardson* (Prefácio). In: RICHARDSON, William. *Heidegger – through phenomenology to thought*. New York: Fordham University Press, 2003. p. viii-xxiii.
- HEIDEGGER, M. *Conferências e Escritos Filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).
- HEIDEGGER, M. *Fenomenologia da Vida Religiosa*. Tradução de Enio Paulo Gianchini, Jairo Ferrandin e Renato Kirchner. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2010.
- HEIDEGGER, M. *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles: Introdução à pesquisa fenomenológica*. Tradução de Enio Paulo Gianchini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, M. *Introdução à Filosofia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- HEIDEGGER, M. *Meu Caminho na Fenomenologia*. Tradução de Ana Falcato. Covilhã, Portugal: Ed. Lusofia, 2009a.
- HEIDEGGER, M. *Os Problemas Fundamentais da Fenomenologia*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, M. *Sein und Zeit*. 17a Aufl. Tübingen. GA Band 2. Max Niemeyer Verlag GmbH e Co. 2006.
- SEGURA, C. *Hermeneutica de la vida humana: Em torno al informe Nartop de Martin Heidegger*. Madrid: Ed. Trotta Editorial, 2002.
- VOLPI, F. *Heidegger y Aristóteles*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2012.
-

Recebido em: 29/09/2022 | Aprovado em: 22/11/2022

